

Francisco Antônio Picot seu braço direito. Desde 1868 o jornal teria como colaborador, enviando correspondência de Nova Iorque, a José Carlos Rodrigues, que viria, a 15 de outubro de 1890, a adquirir a Villeneuve e Picot a propriedade do jornal. Muito avançara a imprensa brasileira, entretanto, quando isso aconteceu. À época a que nos referimos, o *Jornal do Comércio* estava longe de ser a folha que se tornaria quando José Carlos Rodrigues o adquiriu.

Os Plancher, Seignot, Sigaud, Picot, Mongenot, Villeneuve eram figuras comuns no comércio fluminense, como então se dizia, inclusive no ramo, ainda pouco promissor, da tipografia. Preferiram alguns deles fazer jornais governistas, oficiosos, áulicos, outros preferiram o inverso. A Imperial Tipografia, de Plancher, imprimiria, entre 8 de abril e 20 de agosto de 1828, o típico periódico de polêmica que foi a *Honra do Brasil Desafrentada de Insultos da Astréia Espadachina*, em trinta e um números, assinados por *Escandalizado*, que outro não era senão o indefectível Silva Lisboa. E nem só à *Astréia* respondia o jornalista áulico mais fecundo daquele tempo; também ao *Universal*, de Ouro Preto, orientado por Bernardo Pereira de Vasconcelos; ao *Astro de Minas*, de S. João d'El Rei, redigido por Batista Caetano de Almeida; ao *Novo Censor*, do Rio; ao *Farol Paulistano*; à própria *Aurora Fluminense*. Silva Lisboa queria ser o único de passo certo no batalhão. Com esse periódico, despedir-se-ia do gênero, mas não da colaboração de imprensa; marcou sempre sua posição direitista, participando ativamente no debate dos problemas que se sucediam no palco político.

Pouco a pouco, no tempo, mas acentuadamente, quanto às posições, a imprensa definiria o quadro de agitações que culminaria em 1831. A partir de 1827, aprofundando-se ano a ano, os periódicos dividem-se, quanto à orientação, refletindo a realidade. Como as forças políticas cindem-se, caracterizando as três componentes principais – direita conservadora, direita liberal e esquerda liberal – a imprensa acompanha a cisão. Na esquerda liberal recrutam-se alguns dos maiores jornalistas da época e surge o pasquim com fisionomia própria<sup>(72)</sup>. Na direita conservadora alinham-se os órgãos da imprensa áulica, agora conhecida como *absolutista*, tendo à

(72) “Dessa desastrosa separação entre o monarca e a opinião liberal, sempre maior a partir da dissolução da Assembléia Constituinte, não haverá documentário mais valioso do que as coleções dos jornais da época, essas intrépidas *Aurora Fluminense* e *Astréia*, esse vivo e ágil *Diário Fluminense*, para não mencionar outros que pelejaram nas províncias. Já então se patenteava a força da imprensa e como realmente à liberdade desta está ligado o funcionamento dos governos representativos”. (Otávio Tarquínio de Sousa: *A Vida de D. Pedro I*, 3ª ed., 3 vols., Rio, 1957, pág. 780, III).